

5

Considerações finais

Com a escolha em investigar alguns escritos iniciais de Freud em que se situam suas nascentes hipóteses com relação à memória, nossa tentativa foi primeiramente circunscrever a articulação das cadeias associativas. Com a premissa de que os histéricos sofriam de reminiscências, o interesse pelo passado ganha um traço metodológico: o passado se atualiza no sintoma. É com o que se coloca nesta atualização que tentamos tecer a linha de nosso percurso.

Já neste primeiro momento, há a preocupação de Freud em circunscrever o mecanismo das cadeias associativas. Para tanto, acompanhamos a criação de esquemas comparativos ao seu funcionamento. Especificamente três símiles freudianos de 1895 procuram esboçar o percurso e a rede tecida entre as cadeias. Elas se organizariam conforme um centro, o núcleo patogênico. Freud pontua a impossibilidade de colocá-lo em palavras. Impossível narrá-lo e, dessa constatação, surgem duas importantes conseqüências: a orientação de que o analista intervenha visando este núcleo, pois dele proviria alguma mudança em relação ao sintoma; e a hipótese da defesa, força que atuaria na direção oposta à aproximação do núcleo. Contemporânea a tais hipóteses, Freud inicia suas considerações acerca da transferência. É manejando-a que o analista tem a chance de mobilizar o núcleo patogênico e, justamente por encontrar-se nesse lugar, é preciso lidar com a defesa – que está em questão quando se trata desse núcleo, espécie de ponto avesso.

Mas, que ponto seria esse? Apostamos que ele guardaria uma proximidade com a repetição. Esta surge no texto freudiano a partir da transferência, fato que já indica alguma proximidade entre repetição e núcleo patogênico; a transferência faria a ligação entre um e outro. Se a repetição para Freud surge no contexto transferencial, como vimos em uma passagem no “Pós-escrito” ao caso Dora em nosso primeiro capítulo, e a transferência se coloca a partir de uma relação especial ao núcleo patogênico, a repetição talvez seja um dos modos pelos quais podemos nos aproximar dele.

Passamos brevemente pelo aparelho psíquico freudiano do *Projeto para uma psicologia científica*, também datado de 1895. A partir dele, pudemos situar a memória regida pelo princípio do prazer como possibilidade de permanência de uma marca no tecido nervoso a partir da passagem de excitações. De um escoamento da excitação por caminhos feitos e retomados, marcas seriam traçadas, trilhamentos: as *Bahnungen*.

Lacan nos esclarece quanto a tais hipóteses freudianas. No *Seminário 7*, a partir das *Bahnungen*, ele assinala que no aparelho freudiano a memória seria feita de marcas que constituem oposições, os primórdios de um sistema de oposições que podem ser ilustradas no esquema que usamos no segundo capítulo, o esquema dos “+” e dos “-”. Haveria então as repetições desses trajetos marcados pelo escoamento de excitação – o que se coloca como possível, de acordo com o princípio do prazer¹. Como se trata da intervenção do simbólico sulcando o aparelho psíquico, podemos mais uma vez aproximar este esquema daquele dos “+” e dos “-”: a série de notações determina as possibilidades de combinações. Segundo elas, a série resultante da articulação das notações com a série dos “+” e dos “-” seria ilimitada, e Lacan aproxima esse funcionamento ao de uma máquina, funcionamento acéfalo no sentido de que, uma vez estabelecida a articulação entre a série dos “+” e dos “-” junto à das notações, os símbolos continuam infinitamente copulando, se proliferando (Lacan, 1985b, p. 233 et. seq.) e a série seguirá sem ponto de parada. Ainda no *Seminário 2*, Lacan indica a inércia simbólica posta em ação nesta montagem. O pré-subjetivo, acéfalo e inerte estaria então vinculado ao princípio do prazer, no sentido de que garantiria um escoamento de acordo com as mesmas vias já impressas. É pelo prazer resultante desse funcionamento que ele permanece, e não por uma questão de hábito ou de facilidade, como vimos com Lacan.

Pois bem. Aproximando essa cadeia da cadeia associativa do paciente, feita também de símbolos copulando-se, podemos ver na clínica com os pacientes que em suas sessões podem narrar com a maior precisão acontecimentos atuais ou do passado em seus mínimos detalhes o que Lacan aproxima da rememoração: “[...] agrupamento e sucessão de acontecimentos simbolicamente definidos, puro

¹ Princípio do prazer como “[...] princípio de regulação que permite inscrever, num sistema coerente de formulações simbólicas, o funcionamento concreto do homem considerado como máquina.” (Lacan, 1985a, p. 83)

símbolo a engendrar por sua vez uma sucessão.” (Lacan, 1985a, p. 234; cf. 1985b, p. 41). Qual seria o ponto de basta para um discurso que, de certa forma, se automatiza, no sentido de que ele imprime um ritmo próprio que poderia se alongar indefinidamente? Podemos nos lembrar de Freud em “Psicoterapia da histeria” assinalando que, enquanto o paciente cuida para não se aproximar do núcleo, enquanto segue com suas narrativas e histórias, é preciso que o analista vise, como já pontuamos aqui, a articulação dessas narrativas com o núcleo patogênico. Neste mesmo texto, ele nos fala de um certo trabalho de edição do paciente e é preciso estar atento para as interrupções e remendas deste texto (Freud, 1895a/1996, p. 305).

Em alguns pontos da cadeia, há corte, há descontinuidade. Chegou-se mais perto do núcleo, é a leitura de Freud. O que vai se colocando pouco a pouco em sua experiência e em seus escritos é que há fenômenos que também indicam uma certa proximidade em relação a esse núcleo e um deles é a repetição de experiências desagradáveis, que não estariam vinculadas a obtenção de prazer visando o escoamento da excitação. Ou ainda, não visariam a obtenção de prazer com as premissas de um conflito psíquico, em que, pelos mecanismos de condensação e deslocamento, a introdução do recalcado na cadeia traria algum prazer. Lacan retoma a questão de Freud da seguinte forma:

[...] o próprio fenômeno sobre o qual se acha fundada a análise é o seguinte – ao visarmos à lembrança, e quer a encontremos ou não, damos com a reprodução sob a forma de transferência de algo que pertence de maneira manifesta ao outro sistema. (Lacan, 1985a, p. 84)

Tomemos o outro sistema como outra forma de funcionamento que não através do princípio do prazer.

Temos então, de um lado, a repetição do mesmo, a tendência a um automatismo da cadeia que, segundo as mesmas combinações, como no esquema dos “+” e dos “-”, tende a se repetir de forma ilimitada; e, de outro, a experiência de uma repetição (a reprodução na transferência, os sonhos traumáticos, por exemplo) que engendra corte na cadeia, que nos remete para o que parece ser uma aproximação do núcleo patogênico de Freud.

Freud se pergunta o que significa, do ponto de vista do princípio do prazer, o caráter inescotável desta reprodução. Será que ela se dá por haver algo de desregulado ou será que ela obedece a um princípio diferente mais fundamental? Será que [esse princípio mais fundamental] é assimilável, redutível, simbolizável?

Será que ele é algo? Ou bem será que ele não pode ser nem nomeado, nem apreendido, mas apenas estruturado? (Lacan, 1985a, p. 84-85)

Seguimos com essa indicação de Lacan: coloca-se em algumas experiências algo para além do símbolo, mas que se estrutura, se articula a ele, nessas situações paradoxais que não seguiriam a lógica do princípio do prazer.

Para tanto, evocamos alguns nomes possíveis para evidenciar o caráter do que Freud situa em um primeiro momento como núcleo patogênico: núcleo traumático, sexual, pulsão de morte, real. Decidimos elencar esses nomes em prol de podermos nos aproximar disso que se coloca de forma excedente na experiência do sujeito. As conceituações que envolvem cada um desses nomes/conceitos têm suas especificidades. No entanto, o que intentamos salientar é o funcionamento de algo que se dá como um resto da incidência do simbólico e que remete a tais nomes. Assim, encontramos de maneira mais precisa um segundo viés da repetição.

Retomando: em sua face significante, a repetição aponta para a cadeia associativa, aquela que se tece como fios lógicos zigzagueantes no símile freudiano, e seus “arquivos” temáticos, imagem que Freud nos traz para ilustrá-la. Essa face traz a tona o funcionamento de retorno aos significantes que Lacan no *Seminário II* indica, com Aristóteles, tratar-se do *autômaton*.

Entretanto, com a hipótese da pulsão de morte que surge em 1920 em “Além do princípio do prazer”, há a teorização de uma outra face da experiência repetitiva, esta que se colocava desde, por exemplo, o texto “Recordar, repetir e elaborar”, de 1914. Essa outra face da repetição, Lacan a chama *tiquê*. Trata-se de um encontro faltoso que abordamos com o sonho de Irma e o do “Pai não vê que estou queimando” em nosso último capítulo. Faltoso porque visa para não encontrar; justamente delineia em seu cerne o que não é da ordem do simbólico, mas que se introduz nele.

Quisemos, no desenvolvimento deste percurso, tratar dessas duas faces da repetição. Não se tratam de dois tipos distintos de repetições, mas de dois aspectos que nela se colocam. Para contornar o objeto faltoso, é preciso que a cadeia significante desenhe seus pontos de corte. Para isso, é preciso retornar, é preciso perfazer novamente, narrar de novo para que esses pontos se delineiem. A partir deles, se sulcam marcas no discurso, marcas que delimitam o objeto a ser reencontrado para ser novamente perdido.

Vimos com os comentários de Lacan sobre o *das Ding* freudiano do *Projeto* como, em um primeiro momento, tratava-se de um objeto impossível e não encarnado, posto que remete a um ponto limite do simbólico, ao que ele não captura por não ser da ordem do símbolo. Em seguida, a conceituação do objeto *a* apresenta uma exterioridade que tem lugar no simbólico, algo que se presentifica como externo e interno a ele ao mesmo tempo, e que ganha encarnação objetual.

É na repetição em um percurso de análise de um encontro com algo a ser sempre perdido que se pode delimitar o objeto *a*, essa substância que define o impossível com o qual convive o sujeito e que lhe poderá conferir uma mudança em seus possíveis.